

## Objetos em museus: acompanhando trajetórias, mapeando conceitos

Objects in museums: following trajectories, mapping concepts

Maria Lucia de Niemeyer Matheus Loureiro \*

**Resumo:** O artigo propõe analisar os objetos musealizados a partir da combinação dos estudos de cultura material, da abordagem biográfica e da metodologia do mapa conceitual. Os estudos de cultura material abordam os objetos a partir de seus significados simbólicos e de sua presença física, iluminando relações mútuas entre pessoas e coisas e revelando as formas como significados culturais são produzidos e transmitidos. Musealizado ou não, qualquer objeto pode, em tese, ser biografado e mapeado. Dependendo das fontes, dos informantes, do biógrafo, do local de fala, das questões colocadas e da perspectiva adotada, é possível falar em um número ilimitado de biografias e mapas conceituais possíveis para um mesmo objeto. O mapeamento conceitual é uma ferramenta ainda inexplorada no campo dos museus, particularmente quando combinada com os estudos de cultura material e a abordagem biográfica. Analisar objetos e lhes atribuir conceitos e proposições resulta em um ponto de vista privilegiado que ilumina relações até então invisíveis.

Palavras-chave: Cultura material. Objeto musealizado. Biografia de objetos. Mapa conceitual.

**Abstract:** The article proposes to analyze the museum objects from the combination of material culture studies, biographical approach and the concept map technique. Material culture studies approach objects from their symbolic meanings and their physical presence, focusing on mutual relationships between people and things and revealing the ways in which cultural meanings are produced and transmitted. Musealized or not, any object can, in theory, be biographed and mapped. Depending on the sources, the informants, the biographer, the place of speech, the questions posed and the perspective adopted, it is possible to produce an unlimited number of possible biographies and concept maps for the same object. Conceptual mapping is a tool not yet explored in the field of museums, particularly when combined with studies of material culture and biographical approach. Analyzing objects and assigning them concepts and propositions results in a privileged point of view and gives visibility to previously invisible connections.

Key-words: Material culture. Museum object. Biography of objects. Concept map.

---

\* Possui graduação em Museologia pelo Museu Histórico Nacional - atual Escola de Museologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (1976) -, Mestrado (1998) e Doutorado (2003) em Ciência da Informação pelo IBICT - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia / UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tem experiência nas áreas de Museologia e Ciência da Informação. Atua no Museu de Astronomia e Ciências Afins - MAST/MCTI, onde desenvolve pesquisas relacionadas a processos de musealização e é docente permanente do Mestrado Profissional em Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia - PPACT. E-mail: [L.niemeyer@gmail.com](mailto:L.niemeyer@gmail.com)

## 1 Introdução

*“Quem conhece o solo e o subsolo da vida sabe muito bem que um trecho de muro, um banco, um tapete, um guarda-chuva, são ricos de ideias ou de sentimentos, quando nós também o somos e que as reflexões de parceria entre os homens e as coisas compõem um dos mais interessantes fenômenos da terra.”*

Machado de Assis

A epígrafe que abre este texto foi retirada do romance “Quincas Borba”, de Machado de Assis. O aforismo, provavelmente válido para toda e qualquer coisa, é tomado como ponto de partida para este artigo.

Como observa Susan Pearce (1994d, p. 125), “objetos incorporam informações únicas sobre a natureza do homem na sociedade”, e os museus têm a tarefa de explicitar as abordagens utilizadas no trato com suas coleções<sup>1</sup>. Este artigo propõe, assim, combinar reflexões e modelos propostos por estudiosos da cultura material, a abordagem biográfica aos objetos e a metodologia dos mapas conceituais para a análise de objetos musealizados.

Os estudos de cultura material têm como foco as relações estabelecidas entre pessoas e coisas materiais, e partem da premissa que essas relações são impregnadas de significados culturais. O papel dos objetos não se limita, entretanto, à esfera do simbólico; por sua presença física, concreta e penetrante, eles estão envolvidos em vários aspectos da vida social. Alguns autores, entre os quais Susan Pearce, abordam o objeto de museu sob o prisma dos estudos de cultura material. Outros, como Jules Prown (1982), propõem metodologias para análises de objetos a partir da mesma perspectiva.

A abordagem biográfica, proposta por Arjun Appadurai (2008) e Igor Kopytoff (2008), tem se mostrado um caminho fértil para o estudo de objetos. Partindo da indistinção radical entre coisas e pessoas, os autores ressaltam que coisas materiais são necessariamente contaminadas por relações sociais. Ressaltando ainda a circulação concreta dos objetos, propõem que os objetos sejam seguidos e biografados, uma vez que seus significados se revelam em sua trajetória. A adoção da abordagem biográfica aos objetos de museu é defendida por Samuel Alberti (2005), para quem o ingresso em uma coleção museológica é uma entre as muitas passagens

---

<sup>1</sup> “Objects embody unique information about the nature of man in society: the elucidation of approaches through which this can be unlocked is our task”.

na biografia das coisas, cuja vida na coleção é passível de ser narrada como parte de sua trajetória.

A metodologia dos mapas conceituais foi criada na década de 1970 por Joseph Novak como uma forma de organizar e representar conhecimentos adquiridos por indivíduos em determinadas áreas de conhecimentos. Quanto à estrutura, a ferramenta consiste em uma representação gráfica que confere visibilidade a conceitos e redes de conceitos. Embora tenha sido originalmente concebida para a área de Educação, a técnica tem sido apropriada por autores de outras áreas para sistematizar, organizar e estruturar idéias e informações de modo a torná-las apreensíveis visualmente. Neste estudo, propomos estender seu uso para a análise de objetos musealizados.

## **2 Abordando objetos musealizados sob a perspectiva da cultura material**

O termo “cultura material” aplica-se de modo geral a qualquer coisa material que as pessoas percebem, tocam, usam, manipulam, contemplam ou com as quais se envolvem em práticas sociais. A preocupação central dos estudos de cultura material são as relações mútuas entre pessoas e objetos, particularmente os usos que as pessoas fazem dos objetos e o que estes fazem para / com as pessoas. Tais relações são vistas como importantes meios através dos quais significados culturais são produzidos, transmitidos e reproduzidos. Para além dos significados simbólicos, a presença concreta dos objetos participa da estruturação de diversos aspectos da vida social. (cf. WOODWARD, 2007, p. 14)

Denunciando o desprezo pela cultura material por parte de historiadores, Ulpiano T. Bezerra de Meneses enfatiza “o alcance de um tipo de documento, as coisas físicas, como campo de fenômenos históricos, sem o qual a compreensão de uma sociedade se vê comprometida”. (MENESES, 1983, p. 103)

Tomando como referência principal os estudos sobre Grécia e Roma, o autor aponta três atitudes marcantes. A primeira seria a “simples *marginalização* da cultura material, a supressão, no horizonte histórico, do universo físico” (MENESES, 1983, p. 104, grifo do autor); a segunda e mais freqüente seria o uso puramente instrumental das coisas materiais, em particular informações arqueológicas, para complementação

de documentos textuais; a terceira seria seu uso “*didático*” ou ilustrativo de modo a facilitar a compreensão do discurso verbal. (MENESES, 1983, p. 104-105)

Tais atitudes expressariam uma compreensão equivocada sobre o uso documental de elementos do universo material, vistos como parciais ou aleatórios - uma vez que sobrevivem a “*triagens sucessivas*”, como meros reflexos ou expressões de ideias, ou como “*um segmento inexpressivo, incluindo apenas aqueles aspectos da vida social e cultural capazes de se consubstanciarem em coisas físicas, corpóreas*”. (MENESES, 1983, p. 106)

A expressão cultura material refere-se “*tanto ao objeto do estudo quanto ao material, e ao seu propósito, a compreensão da cultura*”<sup>2</sup> (PROWN, 1982, p. 1). Quanto aos estudos de cultura material,

[...] baseiam-se no fato óbvio de que a existência de um objeto feito pelo homem é uma evidência concreta da presença de uma inteligência humana operando no momento da fabricação. A premissa subjacente é que objetos feitos ou modificados pelo homem refletem, consciente ou inconscientemente, direta ou indiretamente, as crenças dos indivíduos que os fizeram, encomendaram, compraram ou usaram, e por extensão as crenças da sociedade maior à qual pertenciam<sup>3</sup>. (PROWN, 1982, p. 1-2, tradução nossa)

Conforme Pearce (1994b, p. 2) tais estudos remontam à década de 1960, e foram precedidos por reflexões desenvolvidas no campo da arqueologia desde meados do século XIX. Para o antropólogo Daniel Miller, o estudo da materialidade foi inaugurado pela questão “*por que as coisas importam*”<sup>4</sup> e serviu como alicerce para os estudos de cultura material, constituídos na contramão da corrente dominante das ciências sociais nas décadas de 1970 e 1980. A importância de estudar as coisas materiais, para o autor, fundamentava-se justamente no fato de, a despeito de desempenharem um papel chave na reprodução social e domínio ideológico, serem negligenciadas como triviais. O desenvolvimento desses estudos seria marcado por dois estágios: o primeiro se caracteriza pela ênfase na importância das coisas e na

---

<sup>2</sup> “*The term material culture thus refers [...] both to the subject matter of the study, material, and to its purpose, the understanding of culture.*”

<sup>3</sup> “*Material culture as a study is based upon the obvious fact that the existence of a manmade object is concrete evidence of the presence of a human intelligence operating at the time of fabrication. The underlying premise is that objects made or modified by man reflect, consciously or unconsciously, directly or indirectly, the beliefs of individuals who made, commissioned, purchased, or used them, and by extension the beliefs of the larger society to which they belonged.*”

<sup>4</sup> “*Why things matter.*”

insistência de que estudá-las não implica em fetichizá-las. Essa questão, segundo o autor, já estaria resolvida em um segundo estágio, no qual o mundo material deixa de ser reduzido a interesses de disciplinas específicas, e se pressupõe que o estudo das coisas pode levar à compreensão de processos culturais, impossível de ser alcançada por outros meios. (cf. MILLER, 1993, p. 3)

Na última década, a oposição corrente no senso comum entre pessoas e coisas vem sendo questionada pelo autor. Ressaltando que as coisas não “drenam a nossa humanidade”, Miller adverte que o distanciamento delas expressa uma “tentativa de preservar uma visão simplista e falsa de uma humanidade pura e previamente imaculada” (MILLER, 2013, p. 11). Observa ainda que a perspectiva semiótica - que por longo tempo dominou e impulsionou a análise das coisas – também limitou os estudos de cultura material. Essa limitação se manifesta com maior nitidez na análise do vestuário, visto como “a superfície que representa ou deixa de representar o cerne interior do verdadeiro ser” (MILLER, 2013, p. 23), o que nos induziria a desdenhá-lo ou tratá-lo como superficial. Essa imagem conveniente de que pessoas fazem “coisas que as representam ou representam os outros” já teria sido superada segundo Miller, que acrescenta: “agora está claro que [...] estamos interessados também e, na mesma medida, em como as coisas fazem as pessoas” (MILLER, 2013, p. 66).

O objeto de museu é abordado a partir da perspectiva da cultura material por Pearce, que sublinha a extensão da noção, a qual contempla todo o mundo físico, incluindo paisagens, espécies animais e vegetais afetadas pela espécie humana. Nos museus, coisas tornam-se cultura material a partir de sua seleção, processamento e exposição, o que lhes confere valores humanos. Para a autora, “toda expressão cultural, de uma forma ou de outra, se enquadra no âmbito da cultura material”<sup>5</sup> (PEARCE, 1994c, p. 9-10, tradução minha).

O domínio da cultura material é extremamente abrangente, e não se limita aos artefatos criados pelo homem. Ao serem estudados, nomeados, musealizados ou de alguma forma culturalmente apropriados, animais, plantas e minerais tornam-se, no mesmo ato, elementos da cultura material.

---

<sup>5</sup> “the whole of cultural expression, one way or another, falls within the realm of material culture”.

Pearce ressalta que “em essência, a materialidade é tudo o que somos e tudo o que temos”, acrescentando que “nós, seres humanos, existimos apenas em nossos corpos, que são eles próprios objetos, embora de um tipo particular”<sup>6</sup> (PEARCE, 2010, p. xiv, tradução nossa). Há longa data, a autora vem ressaltando a importância das coleções como o cerne dos museus, ressaltando que delas fluem todas as funções da instituição, e lamentando que tenham sido pouco estudadas a partir de uma perspectiva museológica em comparação com outros campos. Observa, entretanto, a emergência de um conjunto de reflexões desenvolvidas por profissionais de museus, para o qual propõe a denominação “Estudos de Coleções” (PEARCE, 1994a, p. 193-194).

Buscando responder às inquietações apresentadas a seguir, alguns autores têm buscado aplicar os estudos de cultura material a objetos específicos, elaborando métodos e modelos de análise.

Como extrair informações sobre cultura, sobre a mente, de objetos mudos? Fomos ensinados a recuperar informações em sua forma ideal, palavras e números, mas a maioria de nós é funcionalmente analfabeta quando se trata de interpretar informações codificadas em objetos. Várias disciplinas acadêmicas, particularmente história da arte e arqueologia, trabalham rotineiramente com artefatos como evidência e, ao longo dos anos, acumularam uma quantidade considerável de conhecimentos teóricos e metodológicos<sup>7</sup>. (PROWN, 1982, p. 7, tradução nossa)

Um desses modelos é proposto por Jules Prown, que sublinha as metodologias adotadas pela arqueologia e história da arte, frisando, entretanto, que são insuficientes para a tarefa total, uma vez que os estudos de cultura material situam-se numa zona fronteira entre as ciências humanas e sociais, o que implica na abertura para metodologias oriundas de outros campos, entre os quais a história cultural, a antropologia cultural, a sociologia e a linguística, entre outras. Tais metodologias, entretanto, devem ser acionadas apenas quando tenham sido apreendidas as evidências fornecidas pelo próprio objeto. Os primeiros passos se assemelham mais às técnicas descritivas da arqueologia e história da arte, e se aproximam mais do

---

<sup>6</sup> “In essence, materiality is all we are and all we have. We human beings exist only in our bodies, which are themselves objects, albeit of a rather particular kind”.

<sup>7</sup> “How does one extract information about culture, about mind, from mute objects? We have been taught to retrieve information in abstract form, words, and numbers, but most of us are functionally illiterate when it comes to interpreting information encoded in objects. Several academic disciplines, notably art history and archaeology, routinely work with artifacts as evidence and over the years have built up a considerable amount of theoretical and methodological expertise.”

trabalho de campo de ciências naturais como a geologia, por exemplo, que com as ciências sociais. (cf. PROWN, 1982, p. 7)

O modelo de Prown, apresentado no quadro 1, consiste em uma metodologia em três estágios em que se deve manter sob controle as tendências de distorção da perspectiva cultural do investigador. Na primeira etapa, de descrição, são registradas as evidências internas ao objeto analisado; na etapa seguinte, de dedução, ocorre a interpretação / interação entre o objeto e aquele que o analisa; a etapa final, denominada especulação, é o momento em que são formuladas hipóteses e colocadas questões que podem levar a evidências externas ao objeto. Este, entretanto, não é abandonado; deve haver um movimento contínuo entre evidências internas e externas, o que pode demandar novas informações descritivas ou levar à formulação de novas questões e hipóteses.

<b>DESCRIÇÃO</b> Limita-se ao que pode ser observado diretamente no objeto, ou seja, à sua evidência interna.	<b>Análise de substância:</b> inventário físico descritivo do objeto.
	<b>Análise de conteúdo:</b> o pesquisador preocupa-se simplesmente com o assunto.
	<b>Análise formal:</b> análise da forma / configuração do objeto, seu caráter visual.
<b>DEDUÇÃO</b> Desloca-se do próprio objeto às relações entre objeto e observador. Há poucas regras neste estágio, e é desejável imaginação criativa.	<b>Engajamento sensorial:</b> apreensão sensível do objeto. Se possível, o objeto é tocado para que se perceba sua textura, e erguido para que se sinta seu peso.
	<b>Engajamento intelectual:</b> apreensão intelectual do objeto. Deve-se considerar o que o objeto faz e como o faz; em alguns casos, pode ser necessário que essa fase preceda ou acompanhe o engajamento sensorial.
	<b>Resposta emocional:</b> reação emocional do observador em relação ao objeto, que pode variar em tipo, intensidade e especificidade.
<b>ESPECULAÇÃO</b> Desloca-se completamente à mente do observador.	<b>Teorias e hipóteses:</b> revisão e resumo das informações obtidas nas fases descritiva e dedutiva, e desenvolvidas teorias capazes de explicar os vários efeitos observados e sentidos.
	<b>Programa de pesquisa:</b> desenvolvimento de um programa de validação e de um plano para investigação acadêmica de questões colocadas pela evidência material. A pesquisa é deslocada da análise das evidências internas para a busca de evidências externas. Metodologias de diferentes disciplinas podem ser acionadas conforme a natureza das questões levantadas e as habilidades e inclinações daquele que estuda o objeto. Este não é abandonado após a análise estar completa e a investigação ter passado para a evidência externa. Deve haver um movimento contínuo entre a evidência externa e o artefato, pois a pesquisa sugere ao investigador a necessidade de mais informações descritivas ou indica outras hipóteses que precisam ser testadas afetivamente.

**Quadro 1:** Modelo para Análise de Objeto. Fonte: Adaptado de Jules Prown (1982, p. 7-10)

A metodologia proposta não subordina o objeto a informações extrínsecas, particularmente a documentos textuais. Ao propor um movimento contínuo entre a evidência externa e o objeto, trata-os como complementares. Embora não substitua a indispensável documentação museológica, o modelo permite iluminar diferentes aspectos do mesmo objeto, dependendo do observador.

### 3 Biografando objetos

Em um influente trabalho originalmente publicado em 1986 em que aborda a circulação de mercadorias, Arjun Appadurai propõe colocar o foco “nas coisas trocadas, em vez de apenas nas formas e funções de trocas”. Com essa mudança de perspectiva, pretende demonstrar que “as mercadorias, como as pessoas, têm uma vida social”. (APPADURAI, 2008, p. 15)

Baseado no “Ensaio sobre o Dom”, em que Marcel Mauss registra a “forte tendência contemporânea [de] considerar o mundo das coisas inerte e mudo, só sendo movido e animado, ou mesmo reconhecível por intermédio das pessoas e suas palavras”, o autor contesta a oposição entre palavras e coisas própria do senso comum ocidental, e argumenta que essa oposição não é observada em todos os tempos e lugares. Nota que “em muitas sociedades históricas as coisas não estavam tão divorciadas da capacidade das pessoas de agir e do poder das palavras de comunicar”, e que essa visão sobreviveu ao capitalismo industrial moderno, como foi observado por Marx em sua reflexão acerca do “fetichismo da mercadoria”. (APPADURAI, 2008, p. 17)

É na obra de Marx que o autor identifica uma abordagem cultural inclusiva, ao reconhecer que a condição de mercadoria é circunstancial:

Todo produto do trabalho é, em todos os estados da sociedade, valor de uso; mas só em uma determinada época do desenvolvimento histórico da sociedade o produto do trabalho se transforma em mercadoria, a saber, aquela em que o trabalho gasto na produção de objetos úteis se torna a expressão de uma das qualidades inerentes a esses objetos, ou seja, a expressão de seu valor. (MARX apud APPADURAI, 2008, p. 21)

Conforme Appadurai, a constatação de que as coisas não possuem significados além daqueles atribuídos pelas pessoas não encerra a questão colocada pela circulação concreta e histórica das coisas: elas precisam ser seguidas, uma vez

que seus significados estão inscritos em suas trajetórias. Pessoas e coisas não são, para o autor, categorias radicalmente distintas, e as interações que envolvem as coisas são sempre contaminadas por relações sociais. “Para isto temos de seguir as coisas em si mesmas, pois seus significados estão inscritos em suas formas, seus usos, suas trajetórias. Somente pela análise destas trajetórias podemos interpretar as transações e os cálculos humanos que dão vida às coisas”. (APPADURAI, 2008, p. 17)

Nos anos que se seguiram à publicação do texto acima mencionado, o autor permaneceu comprometido com a idéia de que os objetos têm uma vida social:

[...] as transações que cercam as coisas são investidas com as propriedades das relações sociais. Assim, o presente de hoje é a mercadoria de amanhã. A mercadoria de ontem é o objeto artístico de amanhã. O objeto de arte de hoje é o lixo de amanhã. E o lixo de ontem é a relíquia de amanhã<sup>8</sup>. (APPADURAI 2006, p. 15)

As coisas são tratadas pelo autor como “momentos congelados em uma trajetória social mais longa”<sup>9</sup> (APPADURAI, 2006, p. 15, tradução nossa), depósitos momentâneos de certos atributos cuja estabilidade e permanência são ilusórias, pois são agregados efêmeros de materiais sempre frágeis.

Ao propor traçar biografias das coisas, Igor Kopytoff (2008, p. 89) adverte que mercadorias não são simplesmente itens com valor de troca. Sua produção “é também um processo cognitivo e cultural”, uma vez que elas são coisas culturalmente sinalizadas como passíveis de transação comercial, e que a condição de mercadoria é sempre contingente.

Do total de coisas disponíveis numa sociedade, apenas algumas são apropriadamente sinalizáveis como mercadorias. Além do mais, uma coisa pode ser tratada como mercadoria numa determinada ocasião, e não ser em outra. Finalmente, a mesma coisa pode ser vista por uma pessoa como uma mercadoria, e como uma outra coisa por outra pessoa. (KOPYTOFF, 2008, p. 89)

Para biografar uma coisa, Kopytoff (2008, p. 92-93) recomenda que se dirija a ela o mesmo tipo de perguntas dirigidas às pessoas: de onde vem? Quem a fez?

---

<sup>8</sup> “persons and things are not radically distinct categories, [...] the transactions that surround things are invested with the properties of social relations. Thus, today’s gift is tomorrow’s commodity. Yesterday’s commodity is tomorrow’s found art object. Today’s art object is tomorrow’s junk. And yesterday’s junk is tomorrow’s heirloom.”

<sup>9</sup> “all things are congealed moments in a longer social trajectory.”

Quais suas fases conhecidas? Como e para que foi usada? Qual o seu destino após o fim de sua fase útil? O autor adverte que toda e qualquer biografia é necessariamente parcial, pois invariavelmente elege / descarta diferentes aspectos da vida de pessoas ou coisas biografadas. É possível, assim, produzir biografias distintas da mesma pessoa ou objeto: um carro, por exemplo, pode oferecer diversas possibilidades de biografias técnicas, econômicas e mesmo sociais. A abordagem biográfica, como ressalta o autor, pode iluminar aspectos de uma coisa que de outra forma permaneceriam obscuros. O que se produz, entretanto, pode ser ou não uma biografia cultural:

O que faz uma biografia ser cultural não é o assunto tratado, mas como e de que perspectiva ela aborda o assunto. Uma biografia econômica culturalmente informada de um objeto o encarará como uma entidade culturalmente construída, dotada de significados culturalmente específicos e classificada e reclassificada em categorias culturalmente constituídas. (KOPYTOFF, 2008, p. 94)

Ao acompanhar a “vida” de um objeto, é possível perceber movimentos de mercantilização (que homogeneiza a coisa e seu valor) e de singularização (que a discrimina e singulariza). “A força que se opõe a essa torrente potencial de mercantilização é a cultura, [...] a essência da cultura é a discriminação [e] o excesso de mercantilização é anti-cultural” (KOPYTOFF, 2008, p. 100). As coisas são singularizadas, assim, quando são retiradas da esfera mercantil ou têm sua comercialização restrita (KOPYTOFF, 2008, p. 101).

Para os objetivos deste artigo, cabe salientar que processos de musealização, ao retirarem objetos da esfera mercantil, podem ser abordados como forças de singularização, o que por si já justifica a adoção da abordagem biográfica para a análise de objetos de museu, o que é proposto por Alberti (2005). Embora seu principal interesse sejam os museus de história natural, nos quais o estudo do mais comum dos espécimes pode resultar em grande ganho de conhecimento sobre a instituição detentora do acervo, o método é passível de ser adotado em outras tipologias de museus e de coleções.

Podemos traçar a carreira de coisas de museu desde a aquisição até o arranjo para a exposição, através de diferentes contextos e das muitas mudanças de valor decorrentes desses movimentos. Ao fazer isso, estudamos uma série de relações em torno de objetos, primeiro em seu caminho para o museu e, em seguida, como parte da coleção. Trata-se de relações entre pessoas e pessoas, entre objetos

e objetos, e entre os objetos e pessoas<sup>10</sup>. (ALBERTI, 2005, p. 560-561, tradução nossa)

O esquema proposto por Alberti acompanha a “vida” do objeto de museu em três fases: na primeira, os objetos são seguidos desde sua fabricação, coleta ou intercâmbio até o museu, considerando suas mudanças de significado e status; na segunda, são observados os percursos do objeto após seu ingresso no museu: ele é registrado, classificado, analisado, exposto; na terceira, é analisado o papel do objeto na experiência do público e a natureza de sua relação com o espectador. (ALBERTI, 2005, p. 561)

A fase 1 corresponderia, nas palavras do autor, à “pré-história” do objeto de museu ou ao seu “contexto original”. A coleta, descoberta, criação ou fabricação confere ao objeto um significado estável e é a primeira de muitas mudanças de contexto e sentido que ocorrem ao longo da jornada de um objeto; o ingresso no museu, por sua vez, pode ser visto como um entre os inúmeros deslocamentos em sua trajetória.

A pré-história do objeto, o seu contexto original, muda radicalmente quando ele é coletado. Poderíamos presumir que, neste ponto de sua “descoberta”, o coletor conferiu ao objeto um significado estável que perdurou por toda sua carreira no museu. Mas para muitos objetos, este foi apenas o primeiro de uma complexa série de mudanças de significado e contexto<sup>11</sup>. (ALBERTI, 2005, p. 562)

Alberti ressalta que objetos de história natural tendem a oscilar entre o “natural” e o “artificial”, tornando-se cultura material por meio de processos como coleta, registro, exposição etc. Essa proposição é exemplificada no trecho a seguir, que apresenta resumidamente a biografia de um animal cuja trajetória passa por um jardim zoológico e por diferentes museus de história natural. Embora sintética, a biografia contempla os percursos do objeto antes e depois de seu ingresso em um museu<sup>12</sup>:

Tomemos, por exemplo, Zarafa, a primeira girafa jamais vista na França, que foi um presente do vice-rei otomano do Egito a Carlos X.

---

<sup>10</sup> “We can trace the careers of museum things from acquisition to arrangement to viewing, through the different contexts and the many changes of value incurred by these shifts. In doing so we study a series of relationships surrounding objects, first on the way to the museum and then as part of the collection. These are relationships between people and people, between objects and objects, and between objects and people.”

<sup>11</sup> “The prehistory of the object, its original context, changes radically when it is collected. We might assume that at this point of “discovery,” the collector conferred upon the object a stable meaning that endured through its museum career. But for many objects, this was but the first in a convoluted series of meaning and context shifts.”

<sup>12</sup> É importante ressaltar que ao falarmos de museu não nos referimos apenas ao Museu de História Natural de Paris e ao Museu Lafaille, mas também ao zoológico do *Jardin des Plantes*.

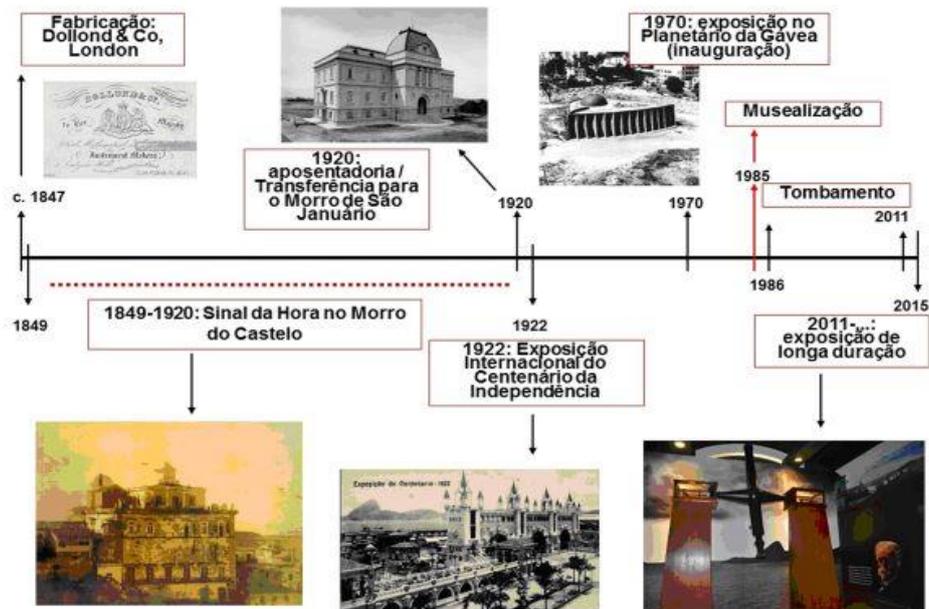
Seguindo sua jornada ao longo do Nilo e do mediterrâneo, em 1827, ela caminhou de Marselha até Paris na companhia do famoso naturalista Étienne Geoffroy Saint-Hilaire até fixar residência em uma jaula no Jardin des Plantes. Ela faleceu em 1845 e foi inicialmente exposta no Museu de História Natural; hoje, sua carcaça montada permanece no Museu Lafaille em La Rochelle<sup>13</sup>. (ALBERTI, 2005, p. 563, tradução nossa)

A trajetória do animal guarda semelhanças com a do antílope citado por Suzanne Briet (1951, p. 7-8) em seu influente manifesto sobre documentação. Tal como Zarafa, o hipotético antílope (apresentado como um documento primário) teria sido levado da África para o *Jardin des Plantes*, em Paris. Depois de morto, teria sido igualmente empalhado e preservado em um museu.

Musealizado ou não, qualquer objeto pode, em tese, ser biografado. Dependendo das fontes, dos informantes, do biógrafo, do local de fala e das questões colocadas, é possível falar em um número ilimitado de biografias possíveis. A fim de enfatizar a abrangência da noção de objeto musealizado, uma biografia resumida de um objeto do acervo do Museu de Astronomia e Ciências Afins – Mast é apresentada na figura 1. Trata-se de uma luneta de fabricação inglesa (Dollond), registrada sob o número 1993/0034, que funcionou por cerca de 70 anos na antiga sede do Observatório Nacional, no Morro do Castelo, Rio de Janeiro. A partir de 1920, quando o Serviço da Hora foi transferido para as novas instalações do Observatório, no Morro de São Januário, a velha luneta foi substituída por um instrumento mais moderno. A trajetória do objeto contempla seu estágio inicial, como mercadoria, o período em que foi utilizada para a determinação da hora, a fase em que foi preservada pelo Observatório, sua participação na Exposição Internacional do Centenário da Independência (1922), sua exposição na inauguração do Planetário da Cidade do Rio de Janeiro, seu tombamento pelo IPHAN, sua musealização e participação em exposições.

---

<sup>13</sup> “Take, for example, *Zarafa*, the first giraffe ever seen in France, who was a gift to Charles X from the Ottoman Viceroy of Egypt. Following her journey down the Nile and across the Mediterranean, in 1827 she walked from Marseille to Paris in the company of the celebrated naturalist Étienne Geoffroy Saint-Hilaire to take up residence in the menagerie at the *Jardin des Plantes*. She died in 1845 and was initially displayed in the Museum d’Histoire Naturelle; today, her mounted carcass stands in the Musée Lafaille in La Rochelle”.



**Figura 1:** Resumo da biografia de uma luneta meridiana do acervo do MAST. Fonte: LOUREIRO, 2015.

A biografia apresentada é, evidentemente, um recorte na trajetória do objeto analisado. Como toda e qualquer biografia (de pessoas ou de coisas), esta seleciona momentos considerados significativos para os objetivos que se quer alcançar. Deve ser considerado ainda que episódios da trajetória da pessoa ou coisa biografada já foram perdidos, particularmente aquelas passagens consideradas insignificantes ou de pouca importância.

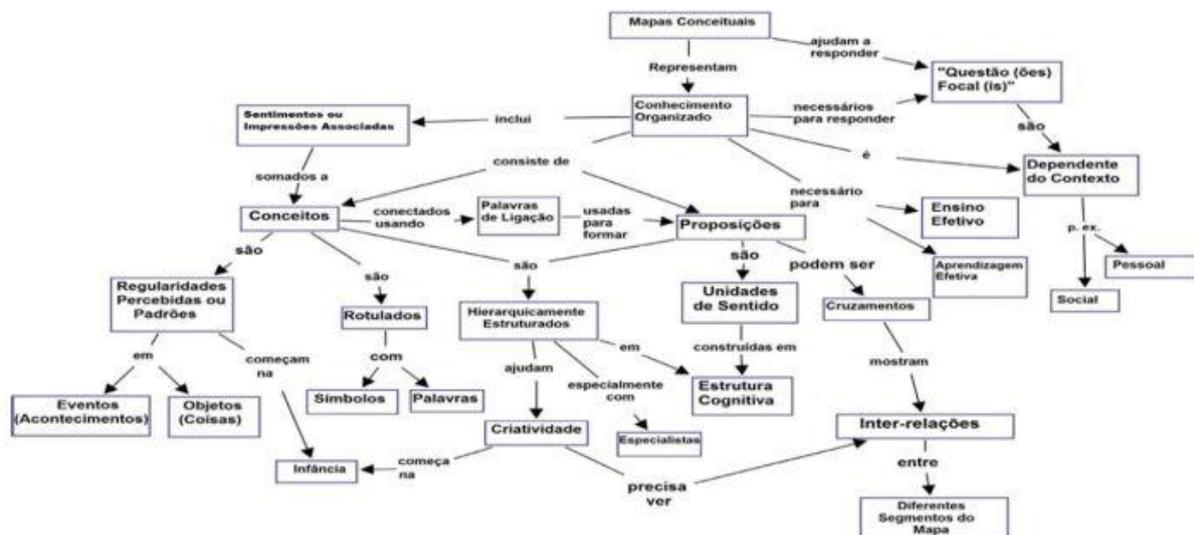
#### 4 Mapeando objetos e traçando suas redes conceituais

A técnica do mapa conceitual foi elaborada por Joseph Novak a partir do conceito de aprendizagem significativa, desenvolvido por David Ausubel com o objetivo de compreender o processo de aprendizagem de temas científicos. A teoria desenvolvida por Ausubel parte do pressuposto que “o ser humano pensa e aprende através de conceitos e proposições”, mas que a aprendizagem só ocorre de forma significativa quando são atribuídos sentidos por meio de relações com conceitos e proposições conhecidas. (PATEIRA 2016, p. 384)

Novak e Canas definem mapas conceituais como

[...] ferramentas gráficas para a organização e representação do conhecimento. Eles incluem conceitos, geralmente dentro de círculos ou quadros de alguma espécie, e relações entre conceitos, que são indicadas por linhas que os interligam. As palavras sobre essas linhas, que são palavras ou frases de ligação, especificam os relacionamentos entre dois conceitos. (NOVAK; CAÑAS, 2010, p. 10)

Um mapa conceitual, como mostra a figura 2, é organizado por meio de uma estrutura de enunciados formados por conceitos relacionados por palavras de ligação. Novak e Cañas advertem que eles devem ser elaborados a partir de uma questão focal e fazer referência a uma “situação ou evento que tentamos compreender”. (NOVAK; CAÑAS, 2010, p. 10)

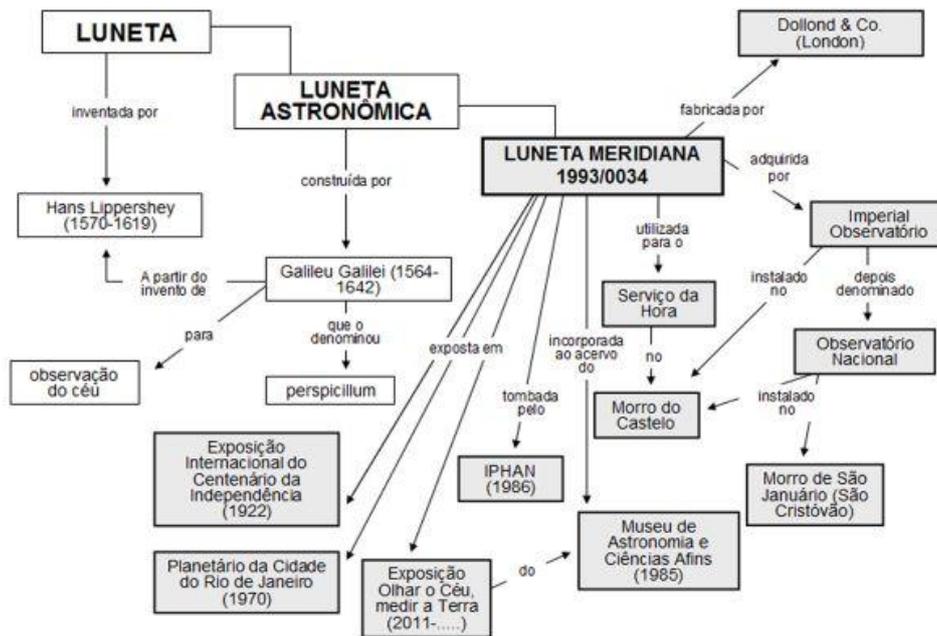


**Figura 2:** Exemplo de um mapa conceitual. Fonte: NOVAK; CAÑAS, 2010.

A ferramenta favorece a produção e uso de novos conhecimentos, conferindo visibilidade a conceitos (representados por palavras ou símbolos) e relações entre conceitos, razão pela qual tem sido apropriada por diferentes disciplinas e diferentes finalidades que envolvam a estruturação de ideias e apresentação gráfica de informações. Para Gercina Borém Lima (2004), o uso da ferramenta com a finalidade de organização de conhecimento implica na análise e interpretação de assuntos a partir de relações estabelecidas a partir de um termo ou palavra-chave. Rodrigues e Cervantes (2014, p. 154) também ressaltam a utilidade da ferramenta no estabelecimento de “relações entre os assuntos para o acesso e a recuperação de informação”.

Neste estudo, propomos adotar a ferramenta para a representação de objetos musealizados, considerando que podemos articulá-lo com ideias, conceitos, eventos,

instituições, pessoas etc. Na figura 3, é apresentado um mapa conceitual que analisa o mesmo objeto cuja biografia é apresentada na figura 1 – uma luneta meridiana integrante do acervo do Mast. Os eventos selecionados no recorte apresentado na biografia foram incluídos no mapa conceitual, mas foram acrescentadas outras conexões relativas aos conceitos “luneta” e “luneta astronômica”, com os quais o objeto analisado mantém relações do tipo gênero/espécie.



**Figura 3:** Mapa Conceitual de Luneta Meridiana do acervo do Mast

Assim como a biografia do mesmo objeto, apresentada na figura 1, seu mapa conceitual é também um entre os muitos recortes possíveis do mesmo objeto. Como qualquer objeto, a luneta meridiana mapeada pode ser examinada do ponto de vista genérico ou específico simultaneamente. Embora o mapa inclua proposições e conceitos relacionados aos conceitos mais amplos “luneta” e “luneta astronômica”, os conceitos em destaque referem-se exclusivamente ao exemplar estudado: trata-se da trajetória do objeto considerado individualmente.

Vistos em conjunto, todos os conceitos representados estão conectados à luneta meridiana do acervo do Mast, embora a recíproca não seja verdadeira. Toda e qualquer luneta pode ser relacionada a seu inventor, Hans Lippershey; toda e qualquer luneta astronômica pode ser relacionada a Galileu Galileu que, ao construir seu *perspicillum* e apontá-lo na direção do céu, fez uso científico do instrumento e com ele descobriu e observou planetas e satélites. Os conceitos atribuídos às lunetas em geral

e às lunetas astronômicas em particular podem ser igualmente atribuídos à luneta do acervo do Mast. Mas apenas a ela podem ser atribuídos simultaneamente seu fabricante (Dollond & Co.), o Imperial Observatório, o Observatório Nacional, o Serviço da Hora, os Morros do Castelo e de São Januário, o Planetário da Cidade do Rio de Janeiro, a Exposição Internacional da Independência, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN e o Museu de Astronomia e Ciências Afins.

## 5 Inquietações finais

As relações entre pessoas e objetos são extremamente reveladoras das formas como a cultura é produzida, transmitida e recebida. Ainda que pareçam inanimadas, as coisas materiais que nos envolvem participam da regulação das relações sociais e dotam de sentido a atividade humana.

Abordar os museus e seus acervos a partir da perspectiva dos estudos de cultura material colabora para colocar em evidência a amplitude da categoria objeto de museu, que contempla não apenas o mundo das coisas produzidas pelo homem, mas também elementos do mundo natural, incluindo o humano, desde que culturalmente apropriados.

A abordagem biográfica permite acompanhar e analisar relações em torno dos objetos em diferentes contextos. Sua adoção para a análise de objetos musealizados é capaz de revelar relações entre objetos e objetos / pessoas / instituições / eventos / lugares etc., e pode iluminar aspectos imprevistos sobre aqueles que os coletaram, encomendaram, fabricaram, possuíram, utilizaram ou preservaram. De modo especial, acompanhar a vida de um objeto na coleção proporciona um novo olhar sobre o museu que o preserva, pesquisa e expõe, bem como sobre os seus diferentes públicos.

Como toda biografia, aquelas dedicadas às coisas têm grandes lacunas e são permanentemente inacabadas. Biografias de objetos necessitam de muitos biógrafos interessados em contá-las, já que coisas podem sobreviver a seus inventores, fabricantes, proprietários, usuários e pesquisadores. A duração dos objetos musealizados, selecionados para serem preservados, tende a ser ainda maior. Uma biografia que acompanhe um objeto desde sua fabricação, coleta ou criação,

passando pela musealização e vida no museu é permanentemente um trabalho em processo.

A ferramenta do mapeamento conceitual oferece uma alternativa ainda inexplorada no campo dos museus, particularmente quando combinada com os estudos de cultura material e a abordagem biográfica. Analisar objetos e lhes atribuir conceitos e proposições propicia a compreensão de sua dinâmica, expondo relações genéricas e específicas. Dispor em quadro redes de conceitos relacionados a um objeto, incluindo sua trajetória individual, propicia uma visão de cima semelhante à proporcionada por um mapa geográfico, o que resulta em um ponto de vista privilegiado a partir do qual é possível perceber relações invisíveis de outra forma. Conexões imprevistas saltam aos olhos de forma sinótica e sincrônica, e o objeto manifesta sua potência conceitual para pesquisas e análises.

## Referências

ALBERTI, Samuel J. M. M. Objects and the museum. *Isis*, v. 96, n. 4, p. 559-571, 2005.

APPADURAI, Arjun. The thing itself. *Public Culture*, v. 18, n. 1, p. 15-22, 2006.

APPADURAI, Arjun. Introdução: mercadorias e a política de valor. In: APPADURAI, A. (org.). *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008. p. 15-88.

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2006.

BRIET, Suzanne. *Qu'est-ce que la documentation?* Paris: Editions Documentaires, Industrielles et Techniques, 1951.

KOPYTOFF, Igor. A Biografia Cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, A. (org.). *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008. p. 89-121.

LIMA, Gercina Ângela Borém. Mapa conceitual como ferramenta para organização de conhecimento em sistema de hipertextos e seus aspectos cognitivos. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 9, n. 2, p. 134-145, 2004. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/355>. Acesso em: 02 abr. 2018.

LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus . Musealização e cultura material da Ciência & Tecnologia. *Revista Museologia e Patrimônio*, v. 8, n. 2, p. 9-28, 2015. Disponível em:

<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/438/412> Acesso em: 02 abr. 2018.

MENESES, Ulpiano T Bezerra de. A cultura material no estudo das sociedades antigas. *Revista de História*, n.115, p.103-117, 1983.

MILLER, Daniel. *Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MILLER, Daniel. Why some things matter. In: MILLER, Daniel (org.). *Material cultures: Why some things matter*. London: UCL Press, 1998. p. 3-21.

NOVAK, Joseph D.; CAÑAS, Alberto J.. A teoria subjacente aos mapas conceituais e como elaborá-los e usá-los. *Práxis Educativa*, v. 5, n. 1, p. 9-29, 2010. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/1298/944> . Acesso em: 2 abr. 2018.

PATEIRA, Pedro. O ensino de geografia através da técnica de mapeamento conceitual. *The Overarching Issues of the European Space: Rethinking Socioeconomic and Environmental Problems*. Porto: FLUP, 2016. p. 382-398. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/15463.pdf> Acesso em: 02 abr. 2018.

PEARCE, Susan. Collecting reconsidered. In: PEARCE, Susan (org.). *Interpreting objects and collections*. New York, London: Routledge, 1994a. p. 193-204.

PEARCE, Susan. Introduction. In: PEARCE, Susan (org.). *Interpreting objects and collections*. New York, London: Routledge, 1994b. p. 1-6.

PEARCE, Susan. Museum objects. In: PEARCE, Susan (org.). *Interpreting objects and collections*. New York, London: Routledge, 1994c p. 9-11.

PEARCE, Susan. Thinking about things. In: PEARCE, Susan (org.). *Interpreting objects and collections*. New York, London: Routledge, 1994d. p. 125-132.

PEARCE, Susan. 2010. Foreword. In *Museum Materialities: objects, engagements, interpretations*, ed. S. H. Dudley, xiv-xix. London and New York: Routledge.

PROWN, Jules David. Mind in Matter: an Introduction to Material Culture Theory and Method. *Winterthur Portfolio*, v. 17, n. 1, p 1-19, 1982.

RODRIGUES, Maria Rosemary; CERVANTES, Brígida Maria Nogueira. Organização e representação do conhecimento por meio de mapas conceituais. *Ciência da Informação*, v. 41, n. 1, p. 154-169, 2014. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1425> Acesso em: 02 abr. 2018.

WOODWARD, Ian. *Understanding Material Culture*. London: Sage Publications, 2007.

---

Data de recebimento: 12.04.2018

Data de aceite: 03.06.2018